NO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO B. JOSEMARÍA ESCRIVÁ

O meu testemunho

D. ALBERTO COSME DO AMARAL

Bispo Emérito de Leiria-Fátima

Da riquíssima personalidade humana e cristã do Beato Josemaría Escrivá selecciono o seu amor à liberdade. Conheci-o pessoalmente em Roma no Outono de 1964, quando, como Padre conciliar, me deslocuei à Cidade Eterna. Lembro-me como se fosse hoje. Estava rodeado dum pequeno grupo de filhos seus: leigos e sacerdotes.

Em dado momento, fala da liberdade. Nunca ninguém assim falara: a liberdade como direito e dever. Liberdade que devemos defender: a nossa e a dos outros. A vibração e o entusiasmo das suas palavras quase chegavam a escandalizar. No decorrer do tempo e à medida que ia aprofundando os seus ensinamentos, pude descobrir a maravilha que é a liberdade dos filhos de Deus. A liberdade reclama um vivo sentido de responsabilidade, sob pena de se converter em libertinagem, que é porta aberta para todos os vícios.

Se pensarmos bem, chegamos à conclusão de que a liberdade é fruto da Cruz; foi pelo poder do sacrifício do Calvário que Jesus nos fez livres, para amar; Ele não quer «respostas forçadas, mas sim decisões que saiam da intimidade do coração» (J. Escrivá, *Cristo que passa*, n.º 100); esta liberdade de amar a Deus e n'Ele e por Ele todos os homens é fonte duma alegria inefável, que nada nem ninguém nos poderá arrebatá-lo; a liberdade dá asas para voarmos como as águias, faz-nos capazes de conquistar o destino eterno que o Senhor nos assinalou: o melhor exercício da liberdade consiste em fazer a vontade de Deus. Vêmo-lo claramente na resposta de Maria à mensagem celeste: «faça-

se». Também o Beato Josemaría queria ser simplesmente *instrumento* que sempre e em tudo procura fazer a vontade divina. Visto que a liberdade nos foi conquistada por Cristo de uma vez por todas, devemos defendê-la e mostrá-la em qualquer ambiente, com valentia e audácia; jamais vacilaremos perante o que dirão. Ouvimos falar de respeito humano: não é respeito nem humano; o seu nome é cobardia, é atentado contra a personalidade de cada um. Trata-se de afirmar a nossa liberdade «com unhas e dentes» e com amor, sem nos tornarmos antipáticos.

Alheio a qualquer género de autoritarismo, defendia a liberdade dos outros, em todos os temas que Deus deixou à discussão dos homens, nas questões temporais; mas, quando se trata de assuntos de fé e de moral, não podemos ceder e devemos seguir a doutrina da Igreja, que para tanto recebeu missão do seu Divino Fundador (cf. J. Escrivá, *Sulco*, nn. 353 ss).

E insiste na liberdade: «Com liberdade, e de acordo com os teus gostos ou qualidades, toma parte activa e eficaz nas rectas associações oficiais ou privadas do teu país, com uma participação cheia de sentido cristão: essas organizações nunca são indiferentes para o bem temporal e eterno dos homens» (J. Escrivá, *Forja*, n. 717).

Considera que os cristãos devem gozar da mais ampla liberdade quando se trata de estudar e levar à prática as diversas soluções, dentro dum correcto e são pluralismo, mas não de coincidir no mesmo afã de servir a humanidade (cf. J. Escrivá, *Amigos de Deus*, n. 170).

Várias vezes, quando se encontrava com pessoas não católicas, disse que respeitava a crença delas e estava disposto a dar a vida pela sua liberdade religiosa.

Com o reconhecimento do milagre, obtido por intercessão do Beato Josemaría, avizinha-se a sua canonização, que virá confirmar, de modo muito especial, a riqueza dos ensinamentos que transmitiu e viveu. É mesmo lícito pensar que, num futuro que só Deus conhece, venha a ser considerado um dos grandes Doutores da Igreja.

© *by* Edições LICEL,CRL, Apartado 570, 4711-915 Braga